

A GUERRA CIVIL NA FRANÇA DE 1871

*André de Melo Santos**

A proposta desse trabalho é a de analisar as considerações de Marx sobre a Guerra Civil na França, evento ocorrido em 1871 e que teve como característica uma primeira tentativa de revolução proletária, na qual por um breve período os trabalhadores assumiram o poder. Ao contrário das revoluções anteriores, como exemplo clássico temos a revolução francesa de 1789 em que o proletariado lutou contra a aristocracia sob a hegemonia da burguesia, enquanto no episódio analisado o proletariado lutou enquanto classe autônoma, guiada por seus próprios interesses. Inicialmente faremos uma discussão sobre as teses principais do marxismo, o materialismo histórico, modo de produção, luta de classes, ideologia e depois partirmos para o caso concreto a ser analisada, a guerra civil na França. Marx nasceu e viveu durante o todo o século XIX e acompanhou o período em que o sistema capitalista teve grande desenvolvimento e alcançou o poder político destronando os remanescentes da sociedade feudal e estabelecendo a democracia burguesa. Marx percebendo a miséria na qual os trabalhadores eram submetidos começou a se interessar pelas questões relativas às condições de vida destes.

Inicialmente tendo estudado direito e filosofia, começou a se interessar pela condição dos trabalhadores que tinham roubado lenha, diante da ação do estado e da lei Marx começou a perceber que o trabalhador diferente da sociedade feudal, na qual era servo, na sociedade capitalista era livre, mas livre para vender sua força de trabalho e receber uma parcela pequena da produção. Deste momento em diante começou o jovem Marx a dar atenção às causas sociais, que será o norte de toda sua obra. Existem autores que defendem uma ruptura entre o jovem e o Marx maduro, segundo estes os textos da maturidade contem os conceitos mais desenvolvidos, onde a obra máxima é o capital. Autores como Viana defendem o contrário, não existe ruptura e sim o desenvolvimento

* Militante do Movimento Autogestionário. Professor do Instituto Federal de Goiás/Campus Uruaçu e da Universidade Estadual de Goiás.

de um pensamento que acompanhou toda a vida e que os que defendem essa ruptura fazem isso com interesses específicos.

Marx na sua primeira fase se preocupava com a emancipação humana e caminhou para a percepção, com o desenvolvimento do seu pensamento, de que isto só seria possível com a revolução proletária. Na segunda fase sistematizou sua teoria da história, sua visão do desenvolvimento histórico da humanidade comandado pela luta de classes e pela tendência histórica da revolução proletária. Na terceira fase, desenvolveu esta teoria e aprofundou sua análise do capitalismo para descobrir a tendência histórica de criação do comunismo através da revolução proletária. (VIANA, 2007b, p.33).

Interesses estes de ocultar em Marx, o que nos textos do jovem estão mais explícitos, o Marx humanista preocupado com a emancipação humana. Desta forma privilegiam os textos econômicos engessando a totalidade do pensamento marxista. Se o jovem Marx se preocupava com a emancipação humana, essa preocupação não deixou de existir em outros textos, o próprio capital Marx demonstra como que a sociedade capitalista promove uma mercantilização das relações sociais e transforma o trabalhador em mercadoria.

Marx elaborou um método para se compreender a gênese das sociedades humanas, o materialismo histórico em que as condições sociais que determinam a existência. Rompendo com o idealismo de Hegel, segundo o qual a história era o desenvolvimento da razão humana, Marx afirma que as ideias são produto das condições históricas e logo não se desenvolvem autonomamente sem uma base material. Essa base, as condições materiais que são a base para entender as sociedades, desde as mais primitivas à moderna sociedade capitalista. Assim quando os homens eram caçadores e a comunidade tinha uma primitiva divisão do trabalho, a partir do momento que a sociedade vai se ampliando e surgindo novas formas de produção como a agricultura, aparece a propriedade privada e com ela a divisão em classes, dos possuidores e dos desprovidos de propriedade. Esses possuidores começam a utilizar a propriedade como meio de poder e impõem a que os não possuidores o trabalho obrigatório, surgindo assim as classes dominantes, que variam conforme o modo de produção: escravos, servos, proletariado moderno.

Paralelo à divisão da sociedade em classes surge o estado, a figura que representa os poderes da classe dominante, inicialmente o poder era justificado pelo fato

de que uns tinham poderes divinos ou eram representantes de deus na terra, a religião, sempre foi uma grande aliada das classes dominantes. Desta forma temos o estado ou formas de regulação³⁷, e a sociedade produzindo na base, contudo como a sociedade é formada na contradição, na exploração de uma classe por outra, esse processo denominado luta de classes culmina com a dissolução de um modo de produção, abrindo espaço para romper com a exploração como para surgir outro modo que reproduza a exploração. Assim foi com a passagem do modo escravista, hegemônico no mundo antigo, para o feudalismo que dominou a idade média, e o fim deste possibilitou a ascensão do modo de produção capitalista.

Se as sociedades de classes são fundadas nas contradições, que elementos fazem com que perpetuem e que possibilitam a sua destruição? Essa pergunta até hoje se faz muito pertinente, na sociedade escravista a mão de obra era recrutada pela força, o que obviamente fez existir muitas revoltas no processo produtivo. Na sociedade feudal o trabalhador em vez de escravo é um servo, que significa que ele tem uma relativa autonomia, como produz na propriedade do senhor feudal deve para este uma parte da produção. Na sociedade capitalista o trabalhador é livre para vender sua força de trabalho, contudo essa liberdade é uma ilusão, visto que o capitalista se apropria do produto de seu trabalho, restando a este uma pequena parte que garanta a sua sobrevivência, essa diferença entre o que produz e o que recebe Marx denominou de mais-valia, o segredo do trabalho livre na sociedade capitalista.

Para que o trabalhador não perceba o processo de exploração é preciso dividir o processo produtivo de forma que este não perceba a totalidade das relações, isto é denominado a alienação do trabalho, um processo no qual o trabalhador não se reconhece como produtor e o processo final como seu trabalho. Tal relação é reforçada pelas ideologias, entendidas como falsa consciência, que fazem com que as ideias da classe dominante sejam hegemônicas em toda sociedade, inclusive entre as classes exploradas. Desta forma as contradições da sociedade passam a ser vistas como algo natural, justificado por razões religiosas, uns descendem dos seres divinos como as

³⁷ Segundo Viana (2007a) o conceito de formas de regulação engloba, assim, o estado e suas instituições, a sociabilidade, as instituições privadas, a cultura em geral.

famílias dinásticas, ou porque uns tem mais que os outros porque possuem mais aptidão ao trabalho, etc., surgindo assim diversos tipos de explicações ideológicas.

Tendo criado um método para analisar as sociedades, Marx se debruçou sobre as condições da sociedade capitalista. Esta sucedeu a sociedade feudal, e diferentemente desta temos o surgimento de uma nova classe, a burguesia, que disputará com a Aristocracia o poder na sociedade. O renascimento comercial surgido na baixa idade média possibilitou o surgimento da burguesia, contudo, foram necessários alguns séculos para que esta classe conquiste o poder. A sociedade feudal era formada essencialmente pelo senhor feudal e os servos, com o desenvolvimento do comércio e o surgimento da burguesia a ordem feudal começou a ruir. A transição do feudalismo para o capitalismo foi um processo de ascensão da burguesia e decadência da Aristocracia feudal.

A sociedade capitalista, embora promettesse mais liberdade para o trabalhador, que deixara de ser servo, como na sociedade medieval, continuou com a exploração de classe. Essa foi ocultada, como dissemos anteriormente pela extração da mais valia. Desta forma as classes fundamentais na sociedade capitalista são a burguesia e o proletariado. Contudo, no desenvolvimento da sociedade capitalista, a luta num primeiro momento era contra os resquícios da sociedade feudal. Dos feudos unificados formaram-se os estados e, conseqüentemente, o poder destes ficou nas mãos da Aristocracia, e isso entrará em confronto com necessidades da sociedade capitalista, que primeiramente revolucionará as relações de produção para, posteriormente, requerer para a burguesia o poder político.

O século XIX foi marcado pelas revoluções liberais, revoluções estas que marcaram o fim das monarquias absolutistas na Europa. Marx viveu e acompanhou todo esse processo, que também foi marcado pela revolução industrial que possibilitou uma produção em larga escala e uma intensificação da exploração da classe trabalhadora. Ao contrário da indústria na sociedade feudal, marcada pela produção artesanal, a moderna indústria capitalista estabelece produção em larga escala. Esta produção exige uma grande quantidade de matérias primas e a utilização de mão de obra na linha de produção. Essa mão de obra era explorada em jornadas de até 16h por dia de trabalho em condições desumanas, o que forneceu subsídios para movimento operário se organizar para reivindicar melhores condições de trabalho e maiores salários. Mesmo conseguindo

a diminuição da jornada com o estabelecimento de uma jornada de 8h diárias, os capitalistas organizaram forma de dentro de esta jornada menor intensificar a produção, foi assim que surgiu a administração científica, que tem por objetivo intensificar a extração da mais valia relativa.

A competição entre os capitalistas e a produção crescente de mercadorias leva o sistema a crises constantes, conseqüentemente declinando a taxa de lucro, situação reforçada nos momentos em que a classe trabalhadora conquista ganhos salariais, ou diminuição da jornada de trabalho, assim, a base do sistema capitalista, a produção de mais valia, entra em crise, o que obriga os capitalistas a aumentar a repressão estatal ao movimento operário. A classe operária inicialmente se organizou em ligas com o intuito de defender seus direitos diante da burguesia. Para Marx a classe operária passa da “consciência em si” para a “consciência para si”, isso significa que no processo de desenvolvimento da sociedade capitalista as contradições aumentam, pois a competição entre capitalistas e entre estados pressiona para produzir mais com menos, ou seja, aumentar a produção e diminuir os custos, o que obviamente cai nos ombros da classe proletária.

Marx acompanhou esse processo na Europa, onde o capitalismo tinha surgido e estava mais desenvolvido. Na Inglaterra este processo estava mais adiantado em relação aos outros países do continente como a Alemanha e a França, o primeiro nem existia como estado unificado, já o segundo foi o berço da revolução que marcou o fim do Estado Absolutista, a Revolução Francesa. Esta foi o marco do fim do domínio da aristocracia e o início da hegemonia burguesa, uma vez que o sistema capitalista destruía os últimos resquícios do sistema feudal, chegava a hora da burguesia tomar o poder político e para isso foi fundamental o apoio da classe proletária. As promessas de liberdade de direitos eram o carro chefe das ideologias burguesas o que atraía o proletariado ávido por se libertar das amarras da servidão.

Guerra Civil na França

O caso francês oferece um exemplo histórico de como a luta entre burguesia e Aristocracia se desenvolveram e, como que o proletariado teve um papel

importante nesse processo. Da revolução de 1789 até a guerra civil de 1871 temos o desenvolvimento das classes fundamentais no capitalismo, a burguesia e o proletariado. Desta forma faremos uma contextualização das revoluções na França para chegarmos à Guerra Civil que foi o momento que o proletariado lutou para defender o comunismo, e mesmo que a Comuna tenha durado pouco tempo, ela certamente foi a primeira tentativa de revolução proletária e demonstrou uma alternativa ao capitalismo.

Tendo sido o berço da revolução que foi um marco para o fim do Estado Absolutista na Europa, a França foi palco da luta entre a burguesia e a aristocracia, a primeira aliada da classe operária e, como esta foi desenvolvendo na luta sua consciência de classe:

Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes (...) Começa então uma época de revolução social (...) Uma organização social nunca desaparece antes de se terem desenvolvido todas as forças produtivas que é capaz de conter; nunca se lhe substituem relações de produção novas e superiores sem que as condições materiais de existência destas relações apareçam no seio da velha sociedade. É por isso que a humanidade só levanta problemas que é capaz de resolver (MARX, 2003, p.6).

O caso francês é um exemplo bem claro de como a luta de classes se desenvolve na sociedade capitalista. No estágio inicial a luta é contra o Estado Absolutista e seus privilégios, num segundo momento a com a burguesia já no poder e que todas as promessas de liberdade propostas pelas ideologias liberais servem apenas para encobrir as novas formas de exploração o movimento operário começa perceber que só a revolução proletária pode proporcionar a liberdade e extinguir a exploração de classe.

A Revolução foi seguida de várias fases, e como não é o objeto de nosso estudo, vale destacar o Império de Napoleão Bonaparte, este aliado dos girondinos (alta burguesia) chega ao poder e neste fica até sua derrota para os ingleses em 1815. Seu governo lançou as bases para a hegemonia burguesa na França. Contudo, a nobreza e o clero aliados das outras monarquias da Europa, após a derrota de Napoleão em Waterloo retomam o poder. Em 1848 uma nova crise abala a monarquia e esta é sucedida pelo império de Napoleão III sobrinho do primeiro, o que Marx parodia na famosa frase “(...) todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por

assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa” (MARX, 1978, p.329).

Napoleão III buscou fortalecer o império francês no continente europeu, contudo com a ascensão de movimentos nacionalistas e o desenvolvimento econômico e industrial de outros países europeus e, agravado por crises internas, o governo de Napoleão III entrou em crise, e a desastrosa campanha contra a Prússia, terminando com a derrota da França e a queda de Napoleão III. A derrota na guerra e a consequente invasão feita pela Prússia colocou em questão a defesa da nação. O movimento operário luta pela libertação da classe, como Marx coloca no Manifesto Comunista um caráter internacionalista, pois a burguesia que se beneficia do nacionalismo, e as guerras motivadas por esta ideologia reforça os imperialismo nacionais.

Com a invasão do exército Prussiano e a capitulação do império, o Estado fica enfraquecido, e o operariado de Paris se organiza para defender a cidade, criando uma espécie de nova organização denominada Comuna de Paris, essa defesa assume o caráter de um movimento revolucionário e este faz com que os velhos inimigos, se unam para derrubar a Comuna. Com a França derrotada, sua burguesia pede auxílio à Prússia para que esta ajude a derrubar a comuna. Segundo Marx:

Uma vitória de Paris sobre o agressor Prussiano teria sido uma vitória dos operários franceses sobre o capitalista francês e seus parasitas nacionais. Neste conflito entre dever nacional e interesse de classe, o Governo de Defesa Nacional não hesitou um momento em transformar-se em um Governo de Defecção Nacional. (MARX, 2011, p35).

A burguesia francesa preferiu aliar-se ao agressor Prussiano para derrotar a Comuna, o que para Marx demonstra que seus interesses de classe estão acima dos interesses nacionais, diga-se de passagem, tão propalados. Mas o que fazia da Comuna uma ameaça à hegemonia burguesa? O que ela trazia de novo no contexto da luta de Classes?

Inicialmente precisamos entender o que foi a Comuna, para depois chegarmos ao seu legado para o movimento revolucionário. Os operários de Paris pegam as armas para defender a cidade do invasor prussiano, uma vez que é vitorioso na defesa, estabelece uma nova forma de governo, que toma medidas em prol da classe trabalhadora como: supressão do trabalho noturno para padeiros e diaristas; devolução integral do valor dos

aluguéis; abolição do alistamento. Essas medidas assustaram a burguesia francesa e de outros países. Todo o aparato estatal passou a funcionar por eleições diretas nas quais os eleitos eram destituídos de seus cargos caso não correspondessem aos interesses dos *Communards*, segundo Marx:

Dos membros da Comuna até os postos inferiores, o serviço público tinha de ser remunerado com salários de operários. Os direitos adquiridos e as despesas de representação dos altos dignitários do Estado desapareceram com os altos dignitários. (MARX, 2011, p.57)

A Comuna também se livrou do caráter opressor do Estado, na sociedade capitalista o Estado representa os interesses da classe dominante, no caso a burguesia, apesar do discurso universalista este cria mecanismos para amortecer a luta de classes e servir de instrumento legitimador da ordem burguesa, o que se faz necessário o aparato policial, que também foi suprimido junto com o exército permanente e o alistamento militar obrigatório.

Embora tenha durado um curto período, de março a maio de 1871 ela foi derrotada pelas forças do exército francês libertada pelos prussianos, visto que para a classe dominante era fundamental eliminar aquela ameaça que, diga-se de passagem, é o espectro que ronda a Europa, dito por Marx no manifesto comunista. Foi à primeira experiência na qual a classe trabalhadora tomou as rédeas do processo histórico e o movimento revolucionário foi vitorioso. Assim a utopia de uma sociedade sem classes mostrou sua face real, e apesar dos erros dos *Communards*, ditos por Marx em não expandir a revolução para outras cidades e assim barrar o processo contrarrevolucionário, não tirou a importância da Comuna para o movimento revolucionário.

Considerações Finais

Marx foi o principal teórico do movimento operário, quando era estudante de direito começou a se interessar pelas questões ligadas aos trabalhadores. Para isso precisou ir a fundo à gênese da sociedade capitalista, como ela se formou, bem como que a esperança de liberdade prometida pelas ideias liberais escondia uma nova forma de dominação. Desta forma sua obra foi marcada pela causa da emancipação humana, e mesmo que tenha sido um autor que suas ideias foram muito deformadas, lembramos

aqui da socialdemocracia de Kautsky que defendia a participação nas eleições burguesas e a criação de partidos operários como existem até hoje, como uma forma da classe operária chegar ao poder do Estado. Outra deformação do marxismo foi o bolchevismo-leninismo, estes embora defendessem a revolução acreditavam que uma classe de revolucionários, a vanguarda, deveria tomar o poder do Estado e, uma vez estabelecida a ditadura do proletariado para no momento seguinte instaurar o regime comunista.

Acontece que essas duas deformações do marxismo, conseguiram uma ascensão e o partido socialdemocrata se tornou o maior da Alemanha, e o bolchevismo se apoderou da Revolução Russa, e lá implantou o denominado capitalismo de estado, ou seja, um regime capitalista com um discurso socialista, que não realizou o fundamental, e que foi realizada na Comuna, a destruição da produção capitalista, a extração de mais valia, logo o socialismo se converteu em um regime que explora os trabalhadores e no lugar da burguesia, temos a burocracia estatal comandando o processo.

Felizmente, o pensamento de Marx teve seguidores e estes além de se manterem fiéis à perspectiva do proletariado, elaboraram análises que deram continuidade à obra de Marx e elaboraram a crítica das deformações do marxismo. Citaria Korsch que participou do partido comunista alemão e saiu por divergências com o burocratismo deste, bem como da fundação da Escola de Frankfurt de onde saiu por ver que a escola se afastava do movimento operário o que ele via como uma degenerência de seus princípios. Anton Pannekoek outro renegado pelo bolchevismo e socialdemocracia, foi o teórico dos conselhos operários, e um crítico feroz da tendência burocrática dos partidos como do regime soviético. E a história provou que estes teóricos diziam no começo do século XX e os regimes capitalistas de estado ruíram na Europa.

No fim do século XX com a derrocada dos regimes capitalistas de estado, o marxismo passou a ser dito como algo que estava fora da história visto que para os ideólogos capitalistas o fim do dito socialismo real provava a superioridade do sistema capitalista e segundo estes, mesmo com suas contradições é o que sobreviveu. Que o movimento operário estava em crise já que não existia para estes mais a classe operária organizada. Contudo a euforia pela ascensão do modelo neoliberal que na prática aprofunda as contradições do sistema, mas conseguiu certa estabilidade na década de 1980-90, no momento atual (2015) assistimos mais uma crise do sistema, com

consequências no mundo todo, como aumento da fome, miséria e desemprego, aliás, características do sistema capitalista.

Dito isso, julgamos que a experiência da Comuna foi importante para o aprendizado da classe operária no movimento de libertação de si e de toda sociedade da exploração do sistema capitalista. O movimento revolucionário, ao contrário do que propalam os ideólogos capitalistas, está vivo, e experiências como na Argentina na década de 2000, e os movimentos antiglobalização na Europa ameaçam romper com o sistema. Lógico que como na Comuna a implantação de uma sociedade autogerida depende de condições históricas, condições estas que a classe operária assuma o papel revolucionário de libertar a humanidade da exploração capitalista. E, neste ponto a Comuna é um exemplo histórico de como a classe operária tem que se organizar, e conduzir o processo revolucionário.

REFERÊNCIAS

- BLUCHE, Frédéric. *Revolução Francesa*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MCLELLAN, David. *As Ideias de Marx*. São Paulo: Cutrix, 1975.
- MATTICK, Paul. Karl Kautsky. *De Marx a Hitler*. In *Karl Kautsky e o Marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988.
- PANNEKOEK, Anton. *A Revolução dos Trabalhadores*. Rio de Janeiro: Barba Ruiva, 2007.
- SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- VIANA, Nildo. *A Consciência da História*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2007a.
- VIANA, Nildo. *O que é Marxismo?* Rio de Janeiro: Elo Editora, 2008.
- VIANA, Nildo. *Um Marxismo Vivo*. Rio de Janeiro: Barba Ruiva, 2007b.